

OS FUNDAMENTOS DA *DASEINSANALYSE* PSIQUIÁTRICA E A CRÍTICA DE HEIDEGGER

Renato dos Santos¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo compreender o uso da analítica existencial de Heidegger no campo da psiquiatria fenomenológica de Binswanger, bem como evidenciar seus potenciais equívocos a partir das críticas do próprio Heidegger. Apesar de Binswanger ter estruturado seu método pautado na analítica do *Dasein*, buscando com isso superar a noção de sujeito e objeto no campo psiquiátrico, o mesmo teria cometido um equívoco ao tentar aliar a fenomenologia com a psiquiatria, ou seja, o transcendental e o empírico. Quando reduziu a noção *ontológica* de *cuidado* (*Sorge*) ao nível *ôntico*, e o existencial *ser-no-mundo* como essencial da estrutura do *Dasein*, Heidegger afirma que o médico suíço reinstaurou o obsoleto problema que procurava inicialmente superar, a saber, o subjetivismo.

Palavras-chave: *Dasein*, *Daseinsanalyse*, Fenomenologia, Heidegger.

ABSTRACT: This article aims to understand the use of existential analysis of Heidegger in the field of phenomenological psychiatry Binswanger and show your potential misunderstandings from the criticism of Heidegger himself. Despite Binswanger have structured their guided method in the analytic of *Dasein*, seeking thereby overcoming the notion of subject and object in the psychiatric field, it would have made a mistake when trying to combine the phenomenology with psychiatry, namely, the transcendental and the empirical. When reduced the *ontological* concept of *care* (*Sorge*) the *ontic* level, and the existential *being-in-the-world* as the essential structure of *Dasein*, Heidegger says that the Swiss physician reinstated the old problem that initially sought to overcome, namely subjectivism.

Keywords: *Dasein*, *Daseinsanalyse*, Phenomenology, Heidegger.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. Contato: renatodossantos1@hotmail.com.

Introdução

Ao ter contato com determinadas abordagens da psicologia, dentre elas a psicanálise em seu início, e com métodos psiquiátricos fundamentados por princípios das ciências naturais, Ludwig Binswanger (1881-1966) percebe que essas abordagens, ao procurar tratar as doenças psíquicas, acabam reduzindo o outro a um sistema mecânico passível de ser analisado e assim tratado. Essas concepções, como se ressaltará ao longo deste trabalho, são conseqüências da ontologia cartesiana, desenvolvido na modernidade pelo filósofo René Descartes, o qual separou radicalmente o sujeito do mundo, restando a dicotomia entre sujeito e objeto. É, pois, ao ter contato com a fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), e posteriormente com a analítica existencial de Martin Heidegger (1889-1976), que o psiquiatra suíço verifica a possibilidade de unir a psicoterapia com fundamentos fenomenológicos e existencialistas, vindo então a desenvolver um método, o qual é por ele denominado de *Daseinsanalyse*.

A proposta da *Daseinsanalyse* é a de procurar não tratar o doente a partir de um manual de instruções fundamentado nas ciências naturais, ou seja, da biologia, da física ou da química, mas sim abordar a dimensão ontológica e existencial do outro dentro do espaço dinâmico do mundo, procurando descrever, posteriormente, a doença a partir da singularidade do paciente. Nesse sentido, Binswanger serve-se do conceito heideggeriano de *Dasein* e, respectivamente, os seus modos de *ser ontológico*. Entretanto, ao empregar o conceito de *amor* na noção de *cuidado* presente na estrutura ontológica do *Dasein*, o psiquiatra teria cometido um equívoco de interpretação do conceito do filósofo alemão. É o próprio Heidegger, na obra *Seminários de Zollikon* (1987), que aponta para este equívoco, demonstrando que Binswanger, ao ter inserido o conceito de *amor*, acabou transformando o conceito de *cuidado* em um sentido *ôntico*. Com efeito, após ter conhecimento de seu equívoco, o psiquiatra afirmará que, não obstante, poderia este ser produtivo. Desse modo, a seguir, atentar-se-á em apresentar as gêneses que fundamentam a trajetória que o psiquiatra realizou para cunhar a *Daseinsanalyse*.

As origens da *Daseinsanalyse*

A ontologia cartesiana fundada na dicotomia entre sujeito e objeto deixou uma herança para todas as ciências posteriores. Essa herança, vista por Binswanger, provocava danos no domínio da psiquiatria, tendo o mesmo chegado a qualificá-la de verdadeiro *câncer da ciência*². A psiquiatria da época fundamentava-se essencialmente por princípios das ciências exatas, o que fez despertar a recusa do médico suíço por esse modelo, ao perceber que o “pensamento das ciências naturais era insuficiente para estudar o comportamento humano e passava precisamente ao lado do caráter específico da existência humana”³. Esse caráter específico, que é a existência humana não reduzida a um simples composto de átomos, fez Binswanger aprofundar essa questão por meio das leituras da fenomenologia de Edmund Husserl.

Embora Binswanger tenha cunhado o termo *Daseinsanalyse* a partir do conceito de *Dasein* de Heidegger, isso não quer dizer que ele tenha tido somente Heidegger como influência. Como comenta Cardinalli⁴, os primeiros trabalhos de Binswanger foram fortemente influenciados pela fenomenologia husserliana, e apenas seus trabalhos posteriores revelam a presença do pensamento heideggeriano. São, pois, dois momentos que marcam a influência no pensamento do médico suíço para a estruturação da *Daseinsanalyse*.

Na fenomenologia de Husserl uma das noções básicas⁵ que caracterizam o método é a de *voltar-se às coisas mesmas*. Para o criador da fenomenologia, esse retorno é a condição de possibilidade de encontrar “a realidade de maneira plenamente originária e com evidência plena”⁶, pois será nesse contato primeiro que as coisas se apresentam para a consciência tal como são. É esse, pois, o princípio fundamental da fenomenologia de Husserl que interessa à Binswanger, porquanto seu objetivo visa justamente buscar um método que não lance pressupostos intelectualistas ou objetivistas ao analisar as disfunções psíquicas, mas sim procure abarcar os modos de “aparecer” dos fenômenos. Desse modo:

² BOSS; CONDREAU, *Daseinanalyse: como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria*, p. 5.

³ *Ibidem*, p. 5.

⁴ CARDINALI, *Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss*, p. 31.

⁵ Outra questão fundamental na fenomenologia husserliana diz respeito à noção de *intencionalidade*. Para Husserl, não há uma consciência que opera sem estar em relação com o objeto. Isto é, *toda consciência é consciência de alguma coisa*. Em outras palavras, “todo estado de consciência em geral é, em si mesmo, consciência, de alguma coisa, qualquer que seja a existência real desse objeto e seja qual for a abstenção que eu faça, na atitude transcendental que é minha, da posição dessa existência e de todos os atos da atitude natural” (HUSSERL, 2001, p. 50).

⁶ Cf. HUSSERL, *A crise da humanidade européia e a filosofia*, p. 18.

a perspectiva fenomenológica difere também da psicopatologia clássica e da psicanálise, pois estas utilizam a observação e a descrição das vivências do paciente como elementos para elaborar uma teoria que explique seus sintomas, enquanto a perspectiva fenomenológica pretende, prioritariamente, captar a vivência íntima, penetrando nas significações e no próprio fenômeno anormal da expressão linguística do paciente⁷.

Esse primeiro momento do contato com a obra de Husserl proporciona a Binswanger a possibilidade de trazer para o campo psiquiátrico uma proposta diferente daquela que tradição mantém. Entretanto, é com a leitura da obra *Ser e tempo* (1927), do filósofo alemão Martin Heidegger, que o termo *Daseinsanalyse* foi cunhado por Binswanger. Mais exatamente a partir do conceito heideggeriano de *Dasein*, que traduzindo para o português significa *Ser-aí* ou *Estar-aí*, ou seja, o ser humano somente é e se faz aí no mundo. Heidegger procura realizar, do ponto de vista *ontológico*, uma análise do *Dasein*, buscando esclarecer os modos de existir humano ontologicamente no mundo. Os modos de existir do *Dasein*, os quais o filósofo alemão designou de existenciais⁸ são: *ser-no-mundo*⁹, *ser-de-projeto*, *ser-com-outro*, *ser-de-angústia* e *ser-para-a-morte*.

A estrutura ontológica do *Dasein* apresentada por Heidegger possibilitou para Binswanger uma abordagem sistemática para a pesquisa imediata da análise existencial, porquanto ele visa justamente buscar a compreensão dos modos de existência dos pacientes. Além disso, é nesse segundo momento dos estudos do psiquiatra que se:

inaugura um modo novo de abordar o fenômeno patológico. Modifica seu foco de estudo da compreensão das vivências patológicas do paciente, relativas ao estudo da consciência, para a explicitação da existência ou, mais especificamente, para o projeto de mundo do paciente¹⁰.

⁷CARDINALI, *Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss*, p. 31.

⁸ Na seção deste trabalho, *Os fundamentos da Daseinsanalyse*, abordaremos o sentido que os existenciais ocupam na estrutura ontológica do *Dasein*, bem como a utilização por parte de Binswanger em sua *Daseinsanalyse*.

⁹ Os hífens usados nos termos que denotam os modos de ser do *Dasein* “querem deixar transparecer o “entre” si-mesmo e o outro, este entre sem lugar marcado, onde *Dasein* existe finitamente como um “lugar” sem lugar.” Portanto, “*Da-sein* é transcendência, o que se mostra no modo de uma tradução existencial, de ser em si um outro, sempre de novo, a cada vez”. HEIDEGGER, 2011, p. 19, nota de apresentação da tradutora Sandra Sá Cavalcante.

¹⁰ *Ibidem*, p. 32.

Dessa forma, verificaremos mais adiante quais os fundamentos epistemológicos do método proposto pelo psiquiatra suíço.

Os fundamentos da *Daseinsanalyse*

Sabemos que uma das influências de Binswanger foi o pensamento heideggeriano, mais especificamente as estruturas existenciais que serão as bases para o psiquiatra estruturar a *Daseinsanalyse*. Um dos modos de ser do *Dasein* que Binswanger se serve é o *ser-de-projeto*. Com esta noção, o médico suíço:

encontra a saída para a insuficiência do modelo natural, estatístico, normativo, determinístico que transcendem toda e qualquer existência. A noção de projeto em Heidegger aponta para que as estruturas ontológicas dos modos de ser do homem sejam investigadas em sua temporalidade já que a cotidianidade desentranha-se como modo de temporalidade¹¹.

O existencial *ser-de-projeto* do *Dasein* denota a facticidade que é estar lançado em um horizonte transcendental defrontado com as possibilidades da sua condição ontológica. Dessa forma, *ser-projeto* significa também o ser temporal. Pois é o tempo que possibilita projetar-se a um horizonte de possibilidades. “A vida é um projeto já que se parte de um estar lançado, projetando a existência para algumas possibilidades e excluindo outras, porém, sempre desvelando possibilidades”¹². Em outros termos, o tempo é a condição de possibilidade da própria existência.

Com o conceito de *cuidado*, que se faz presente na noção unitária do *Dasein*, o psiquiatra percebe a condição de ser aberto às possibilidades de relação nas suas diferentes modalidades da existência humana. Não apenas os conceitos de *cuidado* e de *projeto* serviram de base para Binswanger, mas também as noções de *temporalidade* e *historicidade*, constituintes da estrutura ontológica do *Dasein*. De acordo com Pereira (2001), a psicoterapia de caráter *Daseinsanalytico* de Binswanger contém cinco¹³ diretrizes básicas. No que se refere à primeira:

¹¹FEIJOO, *A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares*, p. 31.

¹² Ibidem, p. 31

¹³As referidas cinco diretrizes básicas da psicoterapia são extraídas e comentadas por Mário Eduardo Costa Pereira, do texto de 1954, “Analyse existentielle et psychothérapie”, de Luwig Binswanger.

1. Ela deve explorar a história de vida do paciente, como o faria qualquer outra abordagem psicoterápica, visando compreendê-la não por meio de categorias teóricas abstratas, mas “como flexões da estrutura total do ser-no-mundo”. 2. Visa-se não apenas o insight, mas sobretudo provocar uma verdadeira reviravolta existencial, por intermédio de “um aprender pela experiência” na situação terapêutica. Aqui, o terapeuta é comparado a um guia de montanhas competente, “que conhece o terreno em questão” e que avança com o turista que, apavorado diante da amplidão incerta daqueles espaços, “não ousa mais dar um passo adiante ou para trás”¹⁴.

O outro não é visto como um quebra-cabeça passível de ser montado, ou consertado pelo analista que o trata, mas alguém, justamente um outro, que possui uma historicidade, uma vivência com significações e sentidos. Assim:

3. Quanto à estruturação da relação terapeuta-paciente, Binswanger sustenta que não se trata de alguém em posição de sujeito face a um objeto sobre o qual será aplicada a teoria ou a terapia. Ao contrário, o terapeuta deve propiciar que o paciente veja nele um parceiro no ser-aí. Dessa forma, a situação terapêutica deve constituir um encontro “sobre o abismo do ser-aí”. Busca-se um “ser-com”, o que constitui a estrutura do “ser-junto” (ou amor), em uma temporalidade de um presente intrínseco, legitimadora da autenticidade do encontro, absolutamente original, fora das repetições do passado e aberta às possibilidades do futuro¹⁵.

Binswanger introduz no conceito heideggeriano de *cuidado* (*Sorge*) a noção de *amor*, fazendo assim uma fenomenologia do amor na concepção clínica. Essa questão foi fortemente criticada por Heidegger (como veremos na seção seguinte), afirmando que o psiquiatra suíço não entendeu o conceito de *cuidado* em seu sentido verdadeiro. Com relação à quarta diretriz da *Daseinsanalyse*, o manejo dos sonhos:

4. Binswanger vê na experiência onírica uma dimensão central na psicoterapia analítico-existencial. Segundo o psiquiatra suíço, o sonho – a despeito de sua forma por vezes confusa ou mesmo bizarra – comporta a mesma estrutura existencial da vida de vigília do sonhador. Trata-se apenas de uma das apresentações do Dasein: “... é precisamente com o auxílio da estrutura dos sonhos que [o analista existencial] pode mostrar ao doente, primeiramente, a estrutura de seu ser-no-mundo em geral; e sobre essa base, ele pode, em segundo lugar, libertá-lo para todo o poder-ser do Dasein”¹⁶.

¹⁴PEREIRA, *Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger*, pp. 140-141.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

Sendo assim, a psicoterapia proposta por Binswanger propõe abarcar a existência do paciente em sentido pleno, não eliminando sua singularidade, mas, ao contrário, abordá-lo em sentido de trazer o paciente ao “claro”, de forma que o objetivo é que o paciente faça a experiência de quando e como falhou o ser-humano, e não que isso lhe seja simplesmente mostrado. Além disso, é preciso conceber o outro como um sujeito que possui suas significações de mundo, valores, ou em outros termos, “mostrar que é necessário compreender não as atitudes isoladas do paciente, mas o movimento de sua vida, através da captação da vivência espacial e temporal”¹⁷.

Em última instância, o que está implícito na tentativa de Binswanger é verificar a possibilidade intersubjetiva no campo psicoterápico e psicopatológico. A possibilidade de se pensar a alteridade surge, de acordo com Freire¹⁸, com os modos de ser-no-mundo – anonimato, próprio, individual, dual e plural -, modos de agir e amar, que se combinam com os modos de projeto-de-mundo (imagem-do-mundo) e os modos de ipseidade (ser próprio como identidade responsável).

No ensaio *Sobre a psicoterapia* (1935), Binswanger define a psicoterapia como sendo uma disciplina científica relativa a objetivos da psiquiatria clínica, interligando uma esfera do ser. “A esfera em questão é a do ser em uma intersubjetividade, em uma relação justa com a do semelhante ou a do ser com o mundo comunitário (*Mitwelt*)”¹⁹. A característica marcante da clínica psicoterápica está na medida em que existe uma reciprocidade entre dois seres humanos, mutuamente trocando, de alguma maneira, uma experiência intersubjetiva. Assim, há na prática clínica um mundo inter-humano, na medida em que o médico e o paciente transcendem à uma relação estática, como se fosse ‘um mecânico frente a um automóvel’.

Ademais, considerando que o ser humano na clínica *Daseinanalytica* é visto como uma estrutura, ou seja, *Dasein*, os distúrbios psíquicos do doente são caracterizados como uma falha da estrutura do seu *modo de ser*. A esquizofrenia, por exemplo, é vista por Binswanger como uma inconsistência da experiência natural²⁰,

¹⁷GIOVANETTI, *O existir humano na obra de Ludwig Binswanger*, p. 87.

¹⁸FREIRE, *O lugar do outro na daseinsanalyse de Binswanger*, p. 226.

¹⁹BINSWANGER, *Sobre a psicoterapia*, p. 144.

²⁰ A experiência natural para Binswanger é “aquela que flui sem obstáculos e problemas. Assim, a cadeia de eventos na experiência é natural quando é inerentemente consistente, ou seja, quando está em harmonia com as coisas, com os outros e consigo mesmo”. CARDINALI, 2011, p. 33.

cisão da consistência da experiência em alternativas contraditórias, encobrimento e desgaste da existência²¹.

Com efeito, o psiquiatra introduz uma noção interessante para descrever as alternâncias que ocorrem na existência do *Dasein*. É no ensaio denominado de *O Sonho e a Existência*, que Binswanger apresenta exemplos clínicos que descrevem o movimento da existência que oscila entre ascensão e queda. Essa transição se dá de modo *a priori* na estrutura do *Dasein*, sendo a ascensão com finalidades vitoriosas, e a queda um malogro, que manifestam-se irrefletidamente na existência²². Para tanto, como exposto anteriormente, sabe-se que Binswanger cometeu um equívoco ao interpretar o conceito de *cuidado* presente na estrutura do *Dasein*, quem alerta para esse fato é o próprio Heidegger, como verificaremos a seguir.

As críticas de Heidegger a Binswanger

Embora a tentativa de Binswanger de criar um método para a psiquiatria divergente da sua época, a *Daseinsanalyse* quando colocada em prática depara-se com algumas *aporias*. Uma delas, que podemos apontar, é a normatividade transcendental, ou seja, se por um lado ao procurar na clínica uma maneira de preservar a singularidade de cada subjetividade, depara-se com uma ausência de ‘modelo’ para constatar se um paciente está ou não doente. Por outro lado, a definição de um modelo cairia novamente no que as outras abordagens clínicas fizeram, ou seja, dar um manual determinado para o tratamento dos doentes. Esse problema ocorre quando o médico acaba projetando no campo transcendental das condições de possibilidades, os aspectos particulares evidenciados no contato cotidiano com o paciente. Assim, sua abordagem já não é mais fenomenológica, mas sim uma estrutura teórica predeterminada.

É na obra *Seminários de Zollikon* (1987)²³ que Heidegger expõe suas objeções à interpretação do psiquiatra acerca da estrutura *ontológica* do *Dasein*, afirmando que Binswanger teria se confundido em sua interpretação entre o *ontológico* e o *ôntico*. No *seminário de 23 e 26 de novembro de 1965*, Heidegger afirma:

²¹ CARDINALI, *Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo na obra de MedardBoss*, p. 33.

²² Cf. BINSWANGER, *O sonho e a existência*, p. 423.

²³ Essa obra reúne uma série de seminários, diálogos e cartas trocadas entre Heidegger e MedardBoss, realizados na cidade suíça *Zollikon*, entre os anos de 1959 e 1969. Os seminários eram proferidos na residência do psiquiatra MedardBoss, para um público em torno de 50 a 60 estudantes de psiquiatria.

O mal entendido de Binswanger não consiste tanto em que ele quer complementar o “cuidado” com o amor, mas sim no fato de que ele não vê que o *cuidado* tem um sentido existencial, isto é, *ontológico*, que a *analítica do Dasein* pergunta pela sua *constituição fundamental ontológica (existencial)* e não quer simplesmente descrever fenômenos ônticos do Dasein²⁴.

O sentido ontológico do termo *cuidado* refere-se ao horizonte do *Dasein* que é articulado pela ideia de abertura às possibilidades. No entanto, a inserção da noção de *amor*, acabou reduzindo o conceito a um horizonte *ôntico*. Binswanger reconheceu tal equívoco de interpretação do conceito do filósofo alemão, na medida em que afirmou que tal fato poderia ser visto como um “equívoco produtivo”. Zeljko Loparic, no artigo denominado *Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo?*, analisa como o psiquiatra suíço verifica a possibilidade de produzir a partir desse erro de interpretação conceitual. Assim, afirma Loparic que:

segundo Binswanger, esse engano em nada prejudicaria *Formas fundamentais* pois o objetivo principal desse livro é totalmente diferente de *Ser e tempo*; a crítica a Heidegger, embora não justificável, teria sido um “equívoco produtivo” (*produktives Missverständnis*), visto que a elaboração de uma fenomenologia do amor é de importância capital para a *dasein* análise psiquiátrica²⁵.

Embora Binswanger tenha reconhecido prontamente seu equívoco, sabe-se que Heidegger não foi nada compreensível a esse respeito. No seminário de *14 de julho de 1969*, o filósofo alemão lança suas observações críticas à Binswanger, com palavras um tanto quanto ríspidas e, podemos dizer, algumas até exageradas, no sentido de ir além de uma crítica intelectual, na medida em que apresenta ressonâncias pessoais. A esse respeito, afirma Heidegger que “Binswanger revela o total desentendimento de meu pensamento da maneira mais crassa em seu enorme livro *Formas fundamentais e conhecimento do Dasein humano*”²⁶.

Apesar de lançar certas críticas exageradas à Binswanger, Heidegger aponta para uma questão que ocorre com frequência ao tentar conciliar uma ciência empírica com uma ontologia transcendental, a fim de dissipar a obsoleta dicotomia sujeito-objeto.

²⁴HEIDEGGER, *Seminários de Zollikon*, pp. 154-155.

²⁵LOPARIC, *Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo?*, p. 392.

²⁶HEIDEGGER, *Seminários de Zollikon*, p. 267.

Heidegger afirma que ao se utilizar o existencial *ser-no-mundo* do *Dasein* para se estruturar a *Daseinsanalyse*, o psiquiatra teria interpretado inadequadamente o *ser-no-mundo* e o conceito de transcendência. Com isso, Binswanger teria caído em uma caracterização conveniente da subjetividade do sujeito²⁷, ou seja, reinstaurando novamente aquilo que procurava superar, o subjetivismo.

Além disso, é verificável em algumas críticas que Heidegger faz a Binswanger, que ele não possui uma precisão no modo de se fazer ciência. Ao realizar sua leitura sobre sua ontologia, o psiquiatra procurou fazer uma interpretação filosófica, mas não propriamente científica. Sobre isso, Loparic afirma que:

Binswanger não possui qualquer conceito claro de ciência factual. O seu pensamento é decididamente *pré-científico*, centrado no tema da elevação espiritual e, por isso, totalmente diverso, por exemplo, do de Freud ou de Winnicott que, insistiram, ambos, em formular os problemas clínicos como problemas científicos e não como manifestações factuais de estruturas *a priori* acessíveis tão somente à filosofia ou então — conforme sustenta Binswanger em vários lugares — à poesia e ao mito²⁸.

Após tal constatação de Binswanger sobre sua interpretação do pensamento heideggeriano, o psiquiatra reformulou a designação de seu método, ficando o mesmo com o nome de *fenomenologia antropológica*²⁹. Apesar das objeções feitas ao psiquiatra por Heidegger, a tarefa realizada por Binswanger foi preponderante para um avanço na psiquiatria fenomenológica.

Considerações Finais

O uso da analítica existencial de Heidegger no campo da psiquiatria, realizado por Binswanger, é uma tentativa de superação dos modelos tradicionais clínicos que são fundamentados por princípios das ciências naturais, ou seja, pela química, biologia e, também, pela ontologia cartesiana fundada na dicotomia entre sujeito e objeto. O método cunhado pelo psiquiatra suíço é o de analisar a estrutura humana a partir do *Dasein*, conceito que se serve do pensamento heideggeriano. Na

²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 227.

²⁸ LOPARIC, *Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo?*, p. 397.

²⁹ Com essa designação, Binswanger percebeu que seu pensamento estaria mais próximo ao de Husserl do que de Heidegger.

clínica *Daseinsanalytica* o que está em foco é a questão da alteridade enquanto possibilidade de tratamento dos distúrbios psíquicos. O psiquiatra não é um sujeito frente a um objeto, mas um ser humano frente a outro ser humano interagindo por um processo intersubjetivo.

Binswanger, entretanto, cometeu alguns equívocos em seu método. Quem aponta para essa questão é o próprio Heidegger nos *Seminários de Zollikon*. Os principais equívocos que o filósofo alemão aponta são dois. O primeiro está no fato de que Binswanger procurou introduzir no conceito ontológico de cuidado a noção de amor, que caracteriza-se de modo *ôntico*, vindo a *ontificar* o conceito de natureza ontológico. O segundo versa sobre a fundamentação do seu método essencialmente no existencial de *ser-no-mundo*, sendo que esse é apenas um modo de ser do *Dasein* e não sua dimensão total. Além disso, com esses equívocos, o que Heidegger apontou foi na verdade que apesar do médico suíço ter tentado superar o subjetivismo e objetivismo da psiquiatria a partir da fenomenologia e da ontologia, permaneceu ainda com resquícios fortes da subjetividade ao não ter compreendido de modo exato os elementos de sua filosofia.

Podemos perceber que, a partir das críticas realizadas por Heidegger, a dificuldade em aliar a fenomenologia (cuja característica é ser um método transcendental) a um método fundado empiricamente (que é a psiquiatria), é vista de modo claro. Binswanger pode não ter realizado com êxito a proposta do seu método, mas certamente contribuiu significativamente para o campo da psiquiatria fenomenológica, e isso se comprova pelos seus sucessores, como Medard Boss, em tentar reinstaurar a *Daseisanalyse* a partir de reformulações em sua base estrutural.

Bibliografia

BINSWANGER, Ludwig. O sonho e a existência, *Natureza Humana*. São Paulo, n. 2, p. 417-449, dez. 2002.

_____. Sobre a psicoterapia, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, n. 01, p. 143-166, mar. 2001.

BOSS, Medard; CONDREAU, Gion. Daseinanalyse: como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria, *Revista Daseinsanalyse*, São Paulo, n. 2, p. 5-23, set. 1976.

- CARDINALLI, Ida Elizabeth. *Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss*. São Paulo: Escuta, 2012.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, n. 1, p. 30-36, jan.- jun. 2011.
- FREIRE, José Célio. O lugar do outro na daseinsanalyse de Binswanger. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, n. 2, p.266-276, ago. 2008.
- GIOVANETTI, José Paulo. O existir humano na obra de Ludwig Binswanger. *Síntese - Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, n. 50, p. 87-99, jul. 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. Trad. de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. 2. Ed. São Paulo: Vozes, 2009.
- _____. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Trad. Frank de Oliveira. 1. ed. São Paulo: Madras, 2001.
- _____. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Trad. Urbano Zilles. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- LOPARIC, Zeljko. Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo?. *Natureza Humana*, São Paulo, n. 2, p. 383-413, dez. 2002.
- MOREIRA, Virginia. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em estudo*, Maringá, n. 4, p. 723-731, out./dez. 2010.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, n. 01, p. 137-142, mar. 2001.